ANNO 9.º — Sexta-feira, 6 de Outubro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 442

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

REMEMORANDO

—=(•)=—

Ha seis anos!

Os nossos corações, como aves bravas ás quais a astucia do homem subitamente privam o vôo, encarcerando-as numa prisão, como elas se debatiam numa agitação febril, alarmante, anciosa!

Decorreram horas, dias e o silencio impenetravelmente misterioso continuava cercando a tragedia que se desenrolava em Lisboa.

Mas, de subito, na madrugada de hoje, ha seis anos, o sol da vitoria, irrompendo atravez das nuvens que lhe empanava o brilho, trouxe ao coração receioso de todos os sinceros republicanos desta terra o conforto do triunfo, a alegria imensa do exito que o povo português numa lucta sangrenta, conseguira obter!

Houve lagrimas ardentes de comoção e os nossos espiritos esvoaçaram pelo infinito numa vibração intensissima de prazer, de intima satisfação, como um bando alegre de pombas num largo vôo percorrendo o espaço, em manhã rosada de abril!

Raiára no firmamento desta patria, grande e secularmente épica, a aurora anceiada por seis milhões de almas que, ápartė a necessidade espontaneamente reconhecida de que era preciso salva-la, arrancando-a ás mãos criminosas dos seus algozes coroados, gravára na alma quanto num côro unisono, num concerto geral, ha tanto lhe era apontado ser preciso fazer!

Disseram-lhe por dezenas de bocas, por centenares de penas, que elas, essas seis milhões de almas, com pequenas excepções, viviam dominadas por uma casta, explorando, esbulhando, oprimindo, depauperando e vilipendiando-as; carregadas de proibições, de cartas régias, de decretos, de éditos; esmagadas por contribuições diretas e indiretas, de alcavalas, dizimos e dias de trabalho gratuito; bastonadas com um pau a que chamavam scetro e que ao seu gesto correspondia o terçado da policia, a espingarda do soldado, os cavalos da guarda municipal.

Afirmavam-lhes que, apezar de tudo, elas suando, ofegantes, sempre de joelhos, mais bestas de carga do que nação, continuavam a debater-se na mizeria moral em que viviam, sofrendo, suportando o vilipendio e a afronta que lhe cuspiam os grandes, os senhores, os exploradores!

E essas almas, interrogando-se, ouvindo-se, escutavam nitida, claramente a voz da Verdade! Sim; o que aqueles homens afirmavam, apontavam, citavam, era a Realidade!

Então houve um grande movimento, alarmante, terrivel. Esses seis milhões de almas ergueram-se e ficaram de pé!

Esse movimento custou a vida do rei e do filho!

Mas não estava tudo feito!

As violencias, os crimes, o despotismo tripudiaram e de novo as mesmas bôcas que ha tanto pregavam a Verdade e a Justiça, redobraram de esforços. Por toda a parte—na tribuna, na imprensa, na rua, no parlamento!

Como elas passaram a ser o terror de todas as infamias e de todas as tiranias, eram a esperança de todos os oprimidos!

Delas vinham irradiações fulgurantes de promessas para uma nova vida; vibrações continuas, oscilações de sentimentos nobres, de ideias generosas que de vaga em vaga, de homem a homem, revolviam almas!

Almas que escutavam, bebendo numa ancia de justiça, aquelas palavras, trovejantes, formidaveis, sacudindo num bramido todos os corações, como a vaga furiosa agita, remexe e perturba a areia da praia.

Os que falavam, os que puzeram tanta vez os pés nas taboas dessas tribunas, sentiram distintamente as pulsações do grande coração do povo português. A tribuna estremecia e de sucessivos estremecimentos, ela desfez-se. Das suas taboas, dos prégos, dos barrotes e das traves, fizeram-se armas para o combate e o povo viu então entreabrir-se o céu esplendido do Porvir; com os pés nas nuvens, a fronte nas estrelas, tendo na mão a espada flamejante, viu surgir com as azas abertas sobre o azul do espaço—a Liberdade—arcanjo dos povos, que entre o ruído da luta e o fumo da polvora, ía ao encontro da Egualdade, lei suprema do mundo e da Fraternidade, biblia augusta dos homens!

Eis—oh! paladinos, batalhadores da nova ideia!—a vossa obra!

E' um futuro que germina, uma nova nacionalidade que desabrocha.

* * *

Ha seis anos!

Mas... em tão curto praso—já reparos, já gritos, já protestos?!

Clama-se — ordem, respeito á lei, prestigio ao regimen!!!

Pede-se justiça, moralidade e morigeração!

Atentos, homens do governo!

Atentos responsaveis semeadores desta nova ceára!

Ela conserva os seus instintos, as suas paixões, crenças, sofrimentos, sonhos, ideias!

Não vos transformeis em espiritos estereis; não deveis encolher os ombros indiferentes ao que podereis chamar—nada!

Assim pensou a monarquia!

Esse *nada* derrubou-a como ámanhã o mesmo *nada* vos póde fulminar!

O *nada* é o povo—o povo é o país que, como parte contratante, quer a satisfação do compromisso selado á custa do seu sangue no dia 5 de outubro!

Homens do governo—não falteis ao vosso compromisso selado pelo vosso nome e pela vossa honra!

Moralidade e Lei!
Equidade e Justiça!
Viva a Republica!

AINDA FALTAVA ESTA

Tem feito as delicias cá do burgo o sr. governador civil.

Qual outro Frégoli, exibindo-se de manhã por essas ruas encadernado em filho de Marte, duridana ao lado, a saracotear-se dentro do irrepreensivel dolman e das... polainas respectivas, tem feito as delicias cá do burgo o sr. governador civil.

A' tarde, á futrica, passeia, fazendo acreditar que é então, de *verdad*, o autentico governador do distrito!

A' noite não sabemos por emquanto que aspecto mostra, mas podemos já ajuizar que tudo corre ás mil maravilhas, como se vê. O sr. governador é tambem medico da junta de reinspecções! Tudo moralidade e unico dentro deste consulado!

No tempo da monarquia, sim, tudo isto seria um escandalo, um abuso, uma imoralidade!

O' céos! Quando entrará o juizo na cabeça desta gente?

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Films...

Quem manda

Diz o *Catorze de Maio*:

«Antes do outono de 1910 mandavam em Portugal os republicanos.

Quem especialmente manda depois dessa data, que marca o advento do novo regimen, são os monarquicos.

Por muito paradoxal que a afirmativa se afigure ela encerra uma verdade.

Noutros tempos temiam-nos e a nossa voz de reprovação era impeditivo a muitos e vários atropelos de violencias. Agora, havendo-se instalado na Republica os que então nos receavam, praticam á sombra dela e impunemente o que nos ultimos anos de realeza se não afoitavam a cometer.

Reparem os senhores um instante *nisso* que por aí váe e digam-nos se não se sentem com vontade de arranjar um diploma confirmativo, pelo menos, da sua filiação num club franquista.»

A confirmar, noticia um jornal de Lisboa:

Administrador de Alemquer

«Foi nomeado administrador interino do concelho de Alemquer, o sr. João Batista da Costa Reis.»

Quando será *nomeado* presidente da Republica o sr. D. Manuel de Bragança?— pergunta muito a proposito o nosso colega *Jornal de Alemquer*.

Tudo á imagem e semelhança da trapalhice nacional.

Em postal

Escreve-nos *um aveirense*:

As comissões de subsistencias foram dissolvidas! Passam as atribuições destas para os governadores civis. Uma bela ideia!... Mas Aveiro só tem governador duas ou tres vezes por semana e hade chegar para o serviço do distrito, inspecções militares e *muchas cosas mas*. De maneira que se as comissões não satisfaziam, parece que a trapalhada hade continuar. Oxalá que não.

Os benemeritos do açucar a 60 centávos o quilo não estão nada satisfeitos por lhes descobrirem a ganancia e a sua justificação é tão deprimente que déram o flanco aos seus intuitos de ganhuço. Se não fôssem da côr não faltariam os raios a caírem sobre as suas calvices...

Não se arrependa o *Democrata* de ter lingua de prata, que se torna em ouro. A's vezes, valha-nos isso.

Pela nossa parte esteja o *aveirense* descançado que o barco não mete agua.... O sr. governador civil já entregou o mando ao seu substituto, estando por esse lado livres das asneiras que pudesse fazer em face do problema do açucar.

E olhe que não é pouco para os tempos que vão correndo...

Outro

Agora é *um desiludido* que fala:

Porque é que os orgãos da *união sagrada* estão sempre em desacordo? Talvez porque a *materia prima não seja pura* e de aí a sua desafinação...

Onde se encontra a verdadeira *união sagrada* é nos dois do açucar de 60 centávos cada quilo. Estes é que se teem governado e são *grandes* defensores da Patria e das instituições... V, barafusta, berra, mas não consegue endireitar este mundo que ha de ter sempre a fórma de corno, o que não quer dizer que v. proteste e descubra mazelas, porque sempre alguma coisa fica de bom.

Não me posso calar com a escolha do ilustre governador civil para as inspecções deste distrito. E' preciso que ele seja elastico para dar cumprimento a tantas coisas a seu cargo, pois não acha?

O'! se achamos!... Mas se de elastico outros correligionarios são, porque não poderá o sr. Eugenio Ribeiro ser medico municipal em Agueda, governador civil em Aveiro e membro da junta militar de inspecção no distrito? Se a moralidade republicana tudo isso permite—com seiscentos diabos!—o que está naturalmente indicado é que comam todos.

E *abaixo os inimigos da Patria!*...

Uma "escroquerie,, com as reinspecções militares

Em data de 30 do mez findo, relata o correspondente de Mafra ao diário o *Mundo*:

Por ordem do administrador do concelho foi hoje preso Domingos do Rosario, de 68 anos, que desde que se estão fazendo aqui as reinspecções tem praticado vários actos de *escroquerie*, que só hoje foram descobertos. Consistiam em prometer a todos os mancebos que vinham á inspecção, que pela sua influencia os livraria de serem apurados, a troco de uma remuneração que regulava sempre por 50$. E' claro que aqueles que pela sua incapacidade fisica ficavam isentos do serviço militar, convencidos que deviam a isenção a este *escroc*, pagavam-lhe a importancia estipulada, como se efectivamente fosse o causador de tais isenções.

Tal qual. O distrito de Aveiro foi durante uma infinidade de anos campo de operações dos *melros* que por esse processo juntavam fabulosas somas, devendo os leitores ainda estar certos da campanha levantada pelo *Democrata* com o fim de pôr côbro ás *escroqueries* daquele celebre *homem politico, politico republicano* e *republicano democratico*, campanha que teve o epilogo que se sabe, devido á desmoralisação que campeia infrene na Republica como na monarquia, só valendo quem tem ou finge ter, mas que, no fundo, foi altamente proveitosa por ter aberto os olhos a muita gente e impedido que o negocio continuasse com fóros de legalidade e os *escrocs* se multiplicassem, transformando a cidade num verdadeiro pinhal da Azambuja.

Mas veja-se a diferença—em Mafra o administrador prende o *escroc*; cá pouco faltou para entrar na cadeia, ao jornalista que cometeu o *nefando crime* de trazer a publico as malandrices de certos sugeitos conhecidos neste pequeno meio como autores de vergonhosas proezas e dentre elas a das isenções do serviço militar a troco de 50$00; preço que, pelo visto, estava estipulado em todo o país onde a quadrilha havia creado raizes.

E' que nem todos arranjam bons protectores, faltando a muitos a consideração devida aos *homens politicos, politicos republicanos* e *republicanos democraticos*...

PELA IMPRENSA

Tendo os dignos confrádes *Jornal de Alemquer* e *Democrata Feirense* festejado ha dias os seus aniversarios, é dever nosso significar-lhes quanto nos é grato cumprimenta-los por esse motivo, desejando a cada um o maximo de prosperidades para que bem possam desempenhar-se da missão que iniciaram nas respectivas localidades onde se publicam.

Governador civil de Lisboa

Está exercendo, em comissão, este cargo o velho republicano de Ovar, sr. dr. Lopes Fidalgo a quem nos apraz cumprimentar por esse facto.

É assim

—=(•)=—

Os verdadeiros republicanos, os que, como nós, se arriscaram em vários lances e deram todo o seu esforço, a bolsa e a sua vontade, decidida e forte, energica e intemerata na defeza dos bons principios consubstanciados na Republica, só hoje leal, sincera, verdadeiramente a poderão saudar em exclusivo na sua existencia, mas não nos seus resultados.

E' triste confessa-lo, mas é uma verdade que, como patriotas, não devemos calar.

Antes pelo contrario: julgâmos um sagrado dever imposto pela nossa consciencia de republicanos, soltar o grito de alarme para aqueles que acima de tudo queiram colocar a pureza de principios e o cumprimento da fé jurada no altar da Patria e possam correr a cooperar na nova revolução, no indispensavel esforço tendente a salvar o regimen, a salvaguardar as instituições, arrancando-as das mãos dos que as desmoralisam e mancham por todas as fórmas e de todas as maneiras.

O que se pratica diariamente por esse país fóra; os escandalos que se multiplicam por toda a parte; a desmoralisação que vae invadindo todos os actos publicos, com manifesto e propositado fim—digâmo-lo sem rebuço—de ferir o regimen na sua essencia moralisadora e benéfica, com o mudo consentimento dos dirigentes e apenas com os protestos dos republicanos sem distinção nem postos a dentro dos vários grupos politicos; o que se pratica e ocorre sob todos os aspectos, manobrado e dirigido pe-

los monarquicos que se bandearam miseravel e indignamente para a Republica; o sarcastico desprezo pelas leis, o abandono completo a que foram votadas todas as determinações tomadas pela Republica, tudo isso importa um crime de lesa-patria, crime em que são coniventes o ministro que não escuta a voz dos que lhe expõem as suas queixas, o governador do distrito que não está para se incomodar suscitando indisposições, o administrador que não contraría o seu chefe, as comissões que no seu entender preferem a harmonia, a *união sagrada*, embora a chafurdar em lama para não abalar a... disciplina partidaria !!!

Invadido o regimen pelos monarquicos que nele se infiltraram apenas baqueou o sceptro real, as novas instituições logo principiaram de sofrer os seus efeitos tal qualmente na monarquia deposta. E assim vêmos por toda a parte, como entre nós, os inimigos de ha seis anos serem os mesmos de hoje ainda que a dentro da Republica!

A mesma canalha nefasta, os mesmos ladrões, os do *conto do vigario*, os gatunos, os impudicos descendentes de falsificadores confêssos, arrastando, contaminando os miseraveis e os pulhas que se alucinam na prespectiva da barriga cheia a troco embora de autenticas vergonhas, de degradantes humilhações!

Emquanto cá por baixo se passam e entrechocam estes negregados acontecimentos, nas altas regiões do Estado a quem cabe a indeclinavel obrigação de manter e honrar o prestigio do regimen, dignificando as instituições, não vêmos o inverso, antes, alêm da tolerancia que é já criminosa para tantos actos que são publico e insofismavel testemunho de quanto a moralidade e o respeito devido á Lei são ofendidos e calcados, a defêsa deles é cousa corrente até pela pena dos que mais afirmaram a inauguração da época que traria a todos, indistintamente, o inicio bemdito, o periodo sagrado da Liberdade, Egualdade e Fraternidade!

Da lei da Separação, de pé apenas ficou a proibição da entrada de congreganistas. Eles virão, comtudo, a seu tempo, de mansinho, encapotadamente, iludindo a lei, como o clericalismo a ilude já sem preocupações nem disfarces!

E' a propria imprensa retintamente republicana, inspirada pelos ministros e pelo proprio autor da lei, que nos dá de vez em quando a noticia alarmante dos progressos... jesuiticos!

Por tudo isto que lembrâmos, que referimos com o coração invadido pelo mais profundo desapontamento, limitâmos a nossa saudação de hoje, em exclusivo, á fórma do govêrno, que traduz e significa todas as nossas aspirações, mas não podemos nessa saudação envolver os que faltaram miseravel e cinicamente ás suas promessas e se afundam, protegendo as maiores indignidades ou delas partilhando.

Acima de tudo a verdade. E a verdade é infelizmente o sudario que muito resumidamente aqui expômos.

De Espinho

—=(*)=—

Carta recebida a semana passada:

... Sr. Redactor

Leitor assiduo do *Democrata* vi o que este publicou sobre o Museu de Aveiro e achando exquisito o que lá se diz liguei tudo isso a uma venda que aqui foi feita de umas 50 ou 60 arrobas de livros, a esta hora talvez transformados em sacos de papel, mas que sempre era bom saber da sua proveniencia.

Se o sr. Marques Gomes o elucidasse...

Constante leitor

Olhe *leitor* amigo: elucidados andâmos nós ha muito... *Chacun* governa-se.

Ainda a herança do Côvo

—=(*)=—

O nosso coléga de Oliveira de Azemeis, *O Radical*, referindo-se de novo ao momentoso assunto que só muito superficialmente foi tratado nos jornaes que se inculcam liberaes — *Mundo* á frente — escreve:

Cada vês se acentua mais a convicção de que é obra do jesuitismo a empalmação da herança do Côvo. Esta seita tenebrosa que nunca recuou perante quaisquer meios para atingir os seus fins, por mais criminosos e repugnantes que sejam, esse bando de criaturas sem patria, sem familia, sem lei e sem escrupulos; essa cáfila internacional que, á semelhança de famélicos abutres, espreita a presa que em bréve se lhe hade estorcer inutilmente nas garras — essa cáfila mais uma vês ainda pôz em pratica um dos seus lances predilectos, envolvendo nos seus repelentes e viscosos tentaculos a honra e os bens de uma familia, fidalga pelo sangue e nobre pelas tradições.

Poderá consentir-se tal audacia em plena Republica, sob o govêrno de homens que restabeleceram as leis moralisadoras de Pombal e de Aguiar, dos mesmos que pretenderam, com medidas de largo alcance social, cortar os vôos á reacção que ameaçava submeter-nos ao seu dominio torvo e rapinante?

Não póde ser, não hade ser. Vão nisto não sómente os direitos de numerosos parentes da condessa do Côvo, ignobilmente expoliados por um agente disfarçado da Companhia de Jesus, duas vezes banida de territorios portuguêses, como tambem o brio e a dignidade da Republica, que não deve, que não póde consentir no ludibrio de leis consideradas essenciaes para a segurança das instituições.

O gesto da titular em questão é daqueles que levam a indignação aos temperamentos mais pacificos e retraídos, aos espiritos mais indiferentes e frios; mas a acção pertinaz, astuta e hipocrita do bandido destacado pela legião negra para se apoderar da alma e da fortuna alheia, imbecilisando uma criatura, aniquilando-a com a iminencia dos terrores infernais e ameaçando-a com a vingança de ocultas potestades — suprema infamia! — este procedimento é daqueles que só poderiam ser condignamente premiados com um arrastar de cadeias por uma vida inteira. E depois, quem sabe? Quem sabe até onde chegou a audacia criminosa da Companhía? Para quem conhece os processos qua esta emprega, para quem conhece a sua moral sofistica e tenebrosa, o facto de a condessa do Côvo morrer longe do seu solar e dos seus, e quando tinha por unica companhia o padre, surge como um terrivel misterio que nunca se desvendará. A duvida, porêm, ergue-se terrivel no nosso espirito.

A viuva do ilustre conde do Côvo achava-se inteiramente obcecada pela monomania religiosa, que a tornou num instrumento docil do jesuitismo, que a dominou inteiramente e que a converteu numa sombra, numa irresponsavel. A indignação popular que se tem manifestado exuberantemente é, a nosso vêr, a prova mais frisante da monstruosidade deste crime. O povo, na sua intuição clara dos factos, que ele aprecia na sua flagrante hediondez, só vê um padre —e amaldiçôa-o.

Pois que amaldiçoado seja!

Nós sômos, porêm, daqueles que acreditam na acção justiceira dos tribunais. Haverá, porventura, uma consciencia desinteressada, uma unica, que não sinta impetos de revolta por ficar impune um atentado de tal ordem?

E haverá alguem que não entenda que sancionar tal monstruosidade é pactuar com o crime?

Parece-nos que não.

Por isso nós esperamos confiadamente na justiça dos homens,

porque a outra, essa está a soldo do padre e é cumplice e interessada nas suas empresas.

Ao menos, ele o afirma.

E não se enganará. Isto é deles—dos tartufos como dos gatunos hoje ainda melhor protegidos do que no tempo da outra senhora.

Se cada vez ha menos vergonha...

ACUMULADORES

—=(*)=—

De *A Lucta*:

«Tambem recebemos o *Democrata*, de Aveiro, em que se trata do protegido do governador civil, protegido que, sendo amanuense do govêrno civil, é administrador do concelho e outras coisas mais que, todas juntas, transformam os vencimentos de amanuense (360 escudos) em 981 escudos.

Falam em grossos ordenados de altos funcionarios e esquecem as acumulações com que os amanuenses conseguem vencimentos de primeiro oficial! E é tal o escandalo que em Aveiro os democraticos andam ás turras por causa do feliz amanuense acumulador, como se as acumulações não fossem um sistema democratico, com *brevet* neste interessantissimo país.»

E o govêrno—moita!
E o governador—nada!
E' fartar, é fartar vilanagem!—já se dizia *in illo tempore*...

FESTEJOS

Comemorando o aniversário da Republica, embandeiraram ontem todos os edificios dependentes do Estado, a câmara e os centros republicanos, fazendo-se ouvir á noite a banda do Regimento de Infanteria n.º 24, no Largo Municipal, onde acorreu um crescido numero de pessoas.

A Junta de Paroquia da Vera-Cruz distribuiu um bôdo aos pobres, não nos constando que outras comemorações tivessem havido dignas de registo.

Iluminação publica

Foram ontem acêsos pela primeira vez na visinha freguezia de Esgueira os candieiros com que a Câmara dotou a risonha povoação e que se estendem pela estrada que a ela conduz desde a passagem de nivel.

A Junta de Paroquia e bem assim vários moradores tomam sobre si o encargo de pagarem alguns bicos de incandescencia, concorrendo desta maneira para o progresso daquela terra ligada quasi a esta cidade por um sem numero de magnificos predios.

Fóra, cão!

—=(*)=—

Sobre a nossa meza de trabalho pousa um maço de autenticos documentos que nos são trazidos, todos referentes á vida publica do chefe de secretaria da Junta Geral e nos quaes se mostra pela sua verificação um a um, que nada do que aí apareceu estampado no *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, como correspondencia de Esgueira, visando directamente Paulo Guimarães, se póde entender com o zeloso funcionario, ex-cultualista daquela paroquia para onde veio a convite dos que hoje tão empenhados andam em desacreditá-lo e onde fixou residencia depois de ter constituido legalmente familia e inutilisado, por virtude dos seus serviços ao regimen, a carreira, que era o seu unico ganha-pão, o seu verdadeiro patrimonio. Tudo se desfaz ante a prova contraria a taes aleives, tudo. Não fica mesmo do peçonhento arrazoado mais do que o nojo, a repulsa que ás pessoas de sã honestidade vem causando a inqualificavel campanha de descredito urdida pelo *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* contra um correligionario a quem foram buscar fóra, pagando-lhe por fim com a mais negra das ingratidões.

Querem vêr?

Paulo Guimarães recebeu ordens a 1 de Agosto de 1908. A 5 do mesmo mez e ano era-lhe concedida licença para celebrar missa, licença que o acompanhou com a carta de Cura para a freguezia de S. Pedro de Polvoreira, a 16 de Novembro tambem de 1908. A 4 de Junho de 1909 foi-lhe pelo arcebispo Primaz, D. Manuel Batista da Cunha, concedida carta de encomendação para a paroquia de S. Martinho de Candoso, válida por 12 mezes. Essa carta, segundo as leis canonicas, teve de ser reformada no fim do ano, substituindo a então por outra com a data de 2 de Julho de 1910. Em Agosto do mesmo ano Paulo Guimarães recolhia o seguinte documento:

Atesto que o rev.º Presbitero Paulo José Pereira Guimarães é de bom comportamento moral e religioso e que ha mais de um ano paroquía, com zêlo e cuidado, como encomendado, a freguezia de S. Martinho de Candoso, do arciprestado de Guimarães.

E por ser verdade e me ser pedido, passo o presente atestado que sendo necessario jurarei *in verbo sacerdotis*.

23 de agosto de 1910.

O Arcipreste de Guimarães,

Manuel Moreira Junior

Conego

Por mais dois anos se conservou ainda Paulo Guimarães á frente da freguezia de S. Martinho de Candoso até que, pedindo a sua exoneração a 9 de Setembro de 1912, esta lhe foi concedida, com licença para poder celebrar e confessar pelo tempo da carta de encomendação, ainda não expirado.

Começam a seguir os seus serviços ás instituições, como cultualista, serviços que estão registados num novo documento passado em nome do *Grupo Civil da Vitoria*, com séde no Porto, e que diz:

Por ser essa a expressão da verdade, e porque assim me foi requerido, declaro que o cidadão Padre Paulo José Pereira Guimarães, como antigo filiado que é de este Grupo, tem, nessa qualidade, prestado ao mesmo relevantes serviços na defêsa da Patria e da Republica. Mais declaro ter o referido cidadão exercido durante o periodo de cinco mezes o lugar de cultualista na freguezia de Ermezinde, concelho de Valongo, tendo prestado esses serviços sem que houvesse auferido qualquer remuneração.

Porto, 17 de abril de 1914.

O Presidente do Comité Central

Militão Barbêdo

De Ermezinde veio Paulo Guimarães para a proxima freguezia de Esgueira, solicitado pelos democraticos de ali.

Durante uns poucos de mezes se sugeitou á malquerença dos católicos e trabalhando ao abrigo da Lei da Separação, dividiu ainda a sua actividade pelas freguezias de Aradas e Vagos, onde então se achava, como administrador do concelho, um dos *bada... mécos* do *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, ora esquecido dos serviços do *tal padre*... de arribação.

Valeu-lhe isso, dentro em bréve, um processo instaurado pelos seus superiores hierarquicos o qual fechou com este oficio, que transcrevemos sem alteração duma virgula:

Ex.mo e Rev.mo Sr.

Para os devidos efeitos dou conhecimento a V. S.ª de que, em processo eclesiastico, que correu pela Câmara Eclesiastica da diocese de Coimbra, foi proferida pelo Ex.mo Prelado a sentença do teor seguinte:

Vistos estes autos et coetera: Pelo que deles consta, mostra-se que o Rev.º Paulo Guimarães tem exercido culto scismatico na freguezia de Esgueira, usurpando direitos e funções paroquiaes do Rev. paroco legitimo, pois não tem jurisdição ordinaria, nem delegada para os exercer;

Mostra-se que sendo citado para se defender deste crime, o não quiz fazer, deixando correr o processo á revelia;

Mostra-se que por tal facto está incurso em Excomunhão *speciali modo* reservada ao Rev. Pontifice.

O que tudo visto e o mais dos autos, respostas do muito Rev.º Doutor Promotor do Bispado e do Advogado oficioso, e tendo em vista que á auctoridade Eclesiastica incumbe o dever de castigar o delinquente para sua emenda, exemplo dos outros e reparação da justiça ofendida.

Declaro o arguido presbitero Paulo Guimarães incurso em *Excomunhão maior speciali modo* reservada ao Romano Pontifice, com todas as consequencias mediatas e imediatas que da mesma derivam e em virtude das quaes é proibido *sub gravi* a todos os fieis comunicar com ele, sobre tudo *in divinis*.

Publique-se e intime-se.

Saude e Fraternidade.

Coimbra, 25 de junho de 1913.

O conego,

José Dias de Andrade

Governador do Bispado

Aveiro, 24 de julho de 1913. — Il.mo e Rev.mo Sr. Paulo Guimarães—Esgueira— O arcipreste, *Manuel Ferreira Pinto de Souza*.

Isto seria tudo para justificar a protecção devida a quem levou o sacrificio pelo regimen até ao ponto de lhe cortarem a carreira, expulsando-o do gremio da Igreja. Mas ha mais e com isso terminamos a série de argumentos que resolvemos opôr á esfarrapada

prosa do *bada-méco* de Esgueira com o tacito aplauso de todos os outros *bada-mécos* que se acoitam no *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, lidimo representante da *democracia pura* encarnada no estomago, na barriga e nas visceras dos que a seguem para melhor se locupletarem á mesa do orçamento.

Apanhem lá:

Sêlo branco do Govêrno Civil de Aveiro.

Atesto que o Reverendo Paulo José Pereira Guimarães, ministro da Cultual da freguezia de Esgueira, deste concelho de Aveiro, tem prestado **relevantissimos** serviços á Republica, organisando o Centro Republicano de Esgueira, pastoreando a freguezia, prégando e catequisando sempre em vários pontos alheios áquela freguezia, e auxiliando de todo o modo honesto a defêsa do regimen. E por ser verdade, o que confirmo sob palavra de honra, lhe passo o presente.

Aveiro, 2 de dezembro de 1913.

O Secretário Geral,

Joaquim de Mélo Freitas

E por aqui nos quedamos certos de que melhor pedra não encontrariamos para enxotar os cães que ladram...

ENTREGA DE DONATIVO

Pelos promotores da tourada de 23 de Julho foi entregue ao Hospital da Mizericordia a quantia de 45$79, produto liquido da mesma e de que a meza passou o competente recibo.

Um monturo

Quem passar pela travessa da rua da Sé depára com tal aglomeração de porcaría que decérto dá vontade de perguntar á Câmara se aquele ponto é agora o destinado a deposito para o qual tenha dado aprovação a respectiva autoridade sanitaria.

A nós parece-nos que foram infelizes na escolha e que se não deve consentir aquilo, como está, no centro da cidade; todavia, se é regular que os moradores das circunvisinhanças estejam sugeitos áquela belêsa de higiene, o caso muda de figura e então... já aqui não está quem falou...

Notas mundanas

Esteve no domingo na Costa Nova de visita aos muitos amigos que lá conta, o sr. Joaquim de Almeida Paulo, digno escrivão na comarca da Guarda e que este ano, com bastante magoa de todos, ali não poude passar a época de banhos.

Oxalá que o mesmo não suceda na futura estação.

Retiraram para a capital, com trajecto pela Figueira da Foz, os srs. Albano de Carvalho e Marcos Ramalheira.

Vindas da praia regressaram a Aveiro as familias dos srs. Alexandre Alves Barbosa, Antonio Felizardo, Domingos Cerqueira, Pascoal de Quintanilha, dr. Lourenço Peixinho, dr. José Soares, José Robalo Lisboa e da sr.ª D. Maria Trancoso Gamelas.

Seguiu para Fafe o sr. João de Oliveira Frade e sua esposa.

A Eixo chegou o esclarecido clinico, sr. dr. Eduardo Moura, reabrindo o seu consultorio, que é um dos mais frequentados do concelho.

Está em Nariz o sr. Guilherme Francisco Luizo, rapaz muito estimado pelos seus conterraneos.

Em Taboeira encontra-se temporariamente o nosso amigo e velho assinante, sr. José Lopes de Matos.

Regressou á sua casa da Quintã do Loureiro, o sr. Luiz Fernandes Lima que se achava a veranear na Torreira.

Foi a Lisboa acompanhar sua irmã Angela que parte para Loanda, onde se encontra o marido, o sr. Viriato Fernando de Souza.

Retirou para Monchique o estimavel ilhavense, sr. José Guerra, que na comarca exerce as funções de escrivão de direito com muito acerto e competencia.

Está na Costa Nova do Prado até ao fim do mez, a sr.ª D. Candida das Dôres Duarte de Carvalho Peixinho, dedicada esposa do nosso conterraneo, sr. Jeronimo Peixinho.

Grande Exposição de Arte Decorativa

—=(*)=—

Efectuar-se-ha no Porto, revertendo o producto em favor da Cruz Vermelha

Com o fim de desenvolver a Arte Decorativa em Portugal realizar-se-ha no Porto uma grande exposição de trabalhos artisticos em que todos os ramos de arte aplicada se farão representar.

Juntando ao lado artistico o lado humanitario, o producto da exposição reverterá a favor da Ambulancia n.º 4 da Sociedade Portuguêsa da Cruz Vermelha.

Os trabalhos expostos serão divididos nas seguintes secções:

Couro, fotominiatura, pintura, vitraes, metal repoussé, metal cinzelado, fotografia, pirogravura, flôres, crisalda, pregaria, bordado a branco, bordado a matiz, bordado a ouro, renda de bilros, filet, renda renascença, moveis, trabalhos de fantasia. Para cada uma destas secções haverá medalha de prata para o primeiro premio e medalha de cobre para o segundo premio. Foto-pintura, pintura á pena, tarso, escultolinha (talha geometrica), piroscultura, imitação de faianças, renda de Veneza.

Para cada uma destas secções haverá medalha de cobre para o primeiro premio. Além destes premios haverá um *Grande diploma de honra* para todo o trabalho que o juri considere digno dessa particular distincção; assim como haverá menções honrosas para os trabalhos que as mereçam. Os premios da secção de pintura e fotografia são apenas conferidos a amadores; os artistas e profissionaes que a eles concorram ficam fóra do concurso.

Dos objectos destinados a serem vendidos, 10 0|0 da venda reverte a favor da Cruz Vermelha. Todos os expositores são obrigados a cederem um dos objectos expostos (á sua escolha) para ser vendido ou rifado a favor da Cruz Vermelha depois de encerrada a exposição.

Todos os objectos para exposição devem trazer pregado o nome de quem expõe. Haverá dois juris: um para aceitação dos trabalhos, outro para a sua classificação.

A entrega dos objectos deve ser feita na séde da Cruz Vermelha, rua dos Martires da Liberdade, 191, Porto, do dia 15 ao dia 26 de Dezembro, terminando o praso irrevogavelmente no dia 26 á meia noite.

Ficam por esta fórma convidados todos os colégios (que se pódem faser representar colectivamente), professoras, artistas, fabricantes de moveis, e todas as pessoas cultivando os trabalhos de arte aplicada, a concorrerem a este certamen artistico.

A exposição abre no dia 31 de Dezembro e conservar-se-ha aberta até ao dia 21 de Janeiro. No dia do encerramento será feita a distribuição das medalhas, diplomas e menções honrosas.

Os expositores que desejarem pódem enviar os seus retratos para figurarem na publicação comemorativa deste certamen.

Quaesquer esclarecimentos mais, pódem ser pedidos para a rua 31 de Janeiro, 119, Porto, á sr.ª D. Maria Arade, professora de arte decorativa e enfermeira da Cruz Vermelha, encarregada da organisação da exposição.

NECROLOGÍA

—=(*)=—

Em avançada edade faleceu no fim da semana preterita o sr. Joaquim Maria Ala, natural de Estarreja, mas aqui residente ha bastantes anos.

Era farmaceutico de 1.ª classe estabelecido na Praça do Comercio e lega a sua familia um nome honrado pela recta conduta que manteve atravez os seus longos anos de existencia.

Aos que o pranteiam, o nosso cartão de sentimentos.

* * *

A's 22 horas e meia de 3 de setembro deixou de existir no Rio de Janeiro, o conhecido emprezario teatral Celestino Silva, cuja fortuna se avalia em mais de tres mil contos.

Nasceu em Oliveira de Azemeis a 24 de abril de 1853, tendo começado por vender bilhetes de teatro até que se fez emprezario. Logo na primeira tentativa do seu modo de vida ganhou perto de cento e vinte contos fracos, o que o animou a proseguir, dedicando toda a sua actividade a esse ramo de negocio.

A sua ultima vontade foi entregar á municipalidade o teatro Apolo, de que era proprietario, para nele ser instalada uma escola. Essa doação fez-se uma semana antes de morrer, valendo a importante soma de 400 contos, o que é registado com louvor por toda a imprensa brazileira.

DESASTRE

Quando ontem se ocupava na decoração da fachada do correio, caíu da escada em que procedia a esse trabalho, o distribuidor supra José Rodrigues, que teve de recolher á cama depois de pensado na farmacia Brito.

Recebeu apenas uns leves ferimentos, não inspirando o seu estado quaesquer receios de agravamento.

Do mal o menos.

AUTOMOVEIS DE ALUGUER

Quem lêr *Automoveis de aluguer* imagina um anuncio da nova *garage* com magnificos carros para passeio por preços modicos, ou bôas referencias aos carros a gazolina já existentes em Aveiro. São realmente magnificos os carros de aluguer que temos nesta cidade. Não distingo os desta ou de aquela *garage* como melhores ou mais bem tratados. São das melhores marcas do mundo. Não devemos receiar, quando se nos ofereça uma bela tarde, de ficarmos em *panne* sequer alguma meia hora no caminho por falta de funcionamento do motor, ou de corrermos algum perigo, pois alêm de bons são todos guiados por magnificos *chauffeurs* e explendidos mecanicos. Muitos queixam-se de que andam com grande velocidade; não devemos fazer caso—é medo. Um carro fez-se para andar e Deus nos livre de termos de cumprir á risca o regulamento que proíbe o excesso de velocidade dentro das povoações, pois para atravessarmos Aveiro seria preciso uma hora. Além disso as ruas andam sempre cheias de um rapazio que se nos empasta nas pernas; ora, é natural que eles se empastem nos carros e depois digam que a culpa foi do *chauffeur* que não pôde parar o carro, quando afinal se demonstra pela autopsia que foi do rapaz que se atirou para o carro.

Ha dias ouvi dizer que o sr. governador civil se tinha queixado de que ia cheio de medo. Eram talvez 23 horas, pois julgou durante o caminho não chegar a Agueda. Tiraram uma média lindissima—pouco mais de 1|4 de hora. O carro era um dos da nova *garage*. Eu custa-me falar nestas coisas, pois a firma Salgado & C.ª ha-de julgar que isto foi mandado escrever pela Trindade & Filhos; mas, na casa dos srs. Trindade & Filhos não me podiam informar assim, pois ainda não ha muito tempo eu encontrei o carro amarelo daquela casa com excesso de velocidade. Será o Fonseca o informador? Não que eu a este encontrei-o com excesso de velocidade em direcção ao quartel. Coitado, ia com pressa para o comboio. Então foi o Realeza? Não ponham a bôca neste homem que ainda não ha mezes, com um carregamento de policias e competente comissario, atravessava a cidade vertiginosamente. Ali, já sei, foi o Nunes que quiz introduzir nesta terra os costumes de Lisboa. Mas, como póde ser isso, se ele, no domingo, chegava da Barra, da ultima carreira da noite, com todos os faroes e lanternas apagadas? Pelo que se vê não ha moralidade, mas todos comem, ou por outra, todos abusam—uns por excesso de velocidade, outros por falta de luz e ainda outros pela excentricidade dos alarmes, etc., etc.

Srs. *chauffeurs*: ha um regulamento.

Sr. comissario: faça-o cumprir.

Quim & Necas

***O Democrata** é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e **mais barato** que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Ultima hora

J. J. Nunes da Silva

Precisamente no momento de começar a paginação do jornal, transmitem-nos a dolorosa noticia do falecimento do director do *Ecos de Cacia*, o honrado cidadão Nunes da Silva, que, quer no Brazil, onde permaneceu alguns anos, quer entre nós, na sua patria, foi sempre um leal republicano, afirmando-se como tal em toda a parte e prestando no limite das suas forças os melhores serviços á causa por que tanto batalhou com verdadeira paixão de crente.

O *Democrata*, sentindo com intensa magua o duro golpe originado pela perda do inolvidavel amigo, limita hoje a sua homenagem aos pêsames que envia a seu estremoso filho, o alferes de infanteria Celestino Baptista da Silva, actualmente combatendo em Africa pela Liberdade e pela Civilisação, e a sua nóra, cujos desvelos de nada valeram ante a crueldade do destino.

Na proxima semana ocupar-nos-êmos mais de espaço do pranteado morto.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 2

De visita á Fabrica de Cerâmica e Serração, de Quintans, esteve naquela localidade o sr. Silvain Bessiere, importante industrial em Lisboa.

Nós, a quem apenas aos proprietarios daquela fabrica ligam relações de simpatia e amizade, muito nos lisongeámos com a visita daquele cavalheiro, aliás conhecedor profundo deste genero de industria, pois é ao mesmo ramo que ele dedica a sua actividade e os seus capitais.

Tivemos o prazer de lhe ouvir palavras de engrandecimento pela montagem correcta e perfeita dos maquinismos e da perfeição e bôa qualidade dos produtos ali fabricados.

A'cerca das maquinas, disse que não conhecia melhor nem mais resistentes e que os materiais por elas fabricados são os melhores e mais perfeitos que se fabricam em Portugal.

Não registariamos tão abalizada opinião se acaso ela fosse por nós ouvida a qualquer interessado, mas dita por aquele cavalheiro, o qual sem duvida alguma é autoridade suficiente, merece o nosso registo e os nossos agradecimentos porque é sempre com o maior gosto e satisfação que ouvimos engrandecer as coisas da terra onde vivemos.

O progresso daquela fabrica representa o pão de inumeras familias que dali se sustentam e com o qual mitigam a fóme do seu lar, enchugando torrentes de pranto vertidas pela dôr dos necessitados que até então não tinham arrimo para ganhar a vida.

Os produtos ali fabricados tem feito em todas as terras onde tem chegado um verdadeiro sucesso e só eles teem sido o reclame daquela casa. Ali não se teem feito reclames espaventosos e incitantes

e, comtudo, todos os dias temos notado que se carregam vagons de materiaes para além Campanhã, Ermezinde e Pampilhosa, onde existem as mais antigas e acreditadas fabricas.

Qual será a razão desta exportação? O sr. Silvain Bessiere o disse com toda a sua autoridade e desinteresse quando afirmou serem estes os melhores materiaes até hoje fabricados neste país, onde, de ordinario, os industriaes procuram apenas ganhar dinheiro e não cuidam do aperfeiçoamento dos seus produtos.

Perguntando nós um dia a um dos presados socios da Fabrica de Quintans se não havia prejuizo para as maquinas, serem os produtos fabricados com um barro duro, quasi como pedra, por ele nos foi dito que, em vista da maneira como fabricavam, as maquinas muito sofriam, não durando metade do tempo que podiam durar, se trabalhassem com argilas moles, como fazem nas outras fabricas.

Estranhei bastante a resposta e perguntei-lhe novamente qual a razão porque não trabalhavam com os barros moles, visto que não aniquilavam em tão curto periodo de tempo os seus maquinismos.

— Nós não montámos a nossa fabrica com o fim unico de ganhar dinheiro—nos respondeu novamente o socio com quem falámos. Compreende V. que sendo o barro lançado ás maquinas com a dureza que vê, a fôrma, ao imprimir, recolhe debaixo de si todo o barro que se lança, ao passo que, se o barro fosse mole, mais de metade era posto fóra do molde, devido á grande pressão que atira sobre o lastro para a telha.

— Qual é a vantagem de que o barro fique todo dentro do molde, como diz, podia fazer uma telha com dois terços de argila?

— A vantagem, meu caro amigo, é sómente para o consumidor; para nós é prejuizo. Não lhe disse eu que não montámos a nossa fabrica com o fim unico de ganhar dinheiro? Tivemos tambem em vista o aperfeiçoamento dos materiaes e conseguimos já o que queriamos, mas agora desejâmos ir mais longe. Vou explicar-lhe em breves palavras as vantagens do emprego das argilas duras. Compreende o meu amigo que fazendo nós uma telha com menos de dois terços do barro que empregamos e ficando no molde o espaço reservado ao barro completamente cheio, esta telha fica sem duvida muito porosa, o que dá logar a deixar rever as águas das chuvas depois de estar impregnada, aumentando-lhe essa água o seu peso extraordinariamente, ao passo que as telhas aqui fabricadas nunca deixam rever sequer uma gota. Esta é uma grande vantagem que muitos proprietarios e construtores civis ainda desconhecem, mas que a pratica um dia lhes ensinará.

— Permita-me mais uma pergunta: Qual a razão porque as telhas aqui fabricadas são tão macias e teem um lustro semelhante a espelho?

— Não queira saber tudo, meu caro amigo. Deixe-nos ocultar tambem alguns progressos que o nosso labor nos ensinou, os quaes revertem sómente em favor dos nossos clientes; mas ainda assim lhe direi que a perfeição que nota nos nossos materiaes, é devida muito principalmente ás argilas que temos e que outros não pódem obter porque são de propriedade da firma. As principaes condições para o fabrico de bons materiaes de construção é possuir bôas argilas, como as que temos, e a ausencia de póros nos materiaes. Desculpe a semcerimonia que agora vou uzar para comsigo, mas sou forçado a retirar-me, a fim de ir comprar uns pinhaes para executar uma encomenda de alguns vagons de madeiras serradas para Espanha.

Ao sair da fabrica notei que na estação de Quintans se procedia á carga de quatro vagons que seguiam para o Porto carregados com telha e consignados á firma comercial daquela praça G. da Cunha & C.ª, á rua Elias Garcia, n.º 32, cuja casa é representante exclusiva da Fabrica de Cerâmica e Serração de Quintans.

Faço ardentes votos pelo engrandecimento e prosperidades de aquela fabrica, a qual, nesta região, representa o pão dos que o não tem e ali o vão buscar.

C.

Comunicados

... Sr. Arnaldo Ribeiro

A fim de se dignar proceder como de justiça, informo-o sobre os motivos que levaram alguem a dizer a V. que a minha casa era suspeita. Esse alguem deve chamar-se Antonio Dias, sem modo de vida, um completo vadio, que vive em companhia de uma amante, sendo esta que o sustenta dos magros 26 centávos que ganha. Protegi este vadio quando foi despedido do hospital, onde estava como creado. Havia entre nós um pequeno conhecimento, e vendo-se desempregado, e sem credito nem dinheiro, tratou de me procurar, pedindo-me que lhe fornecesse comida até que arranjasse trabalho, e de tal modo se lastimou que eu cedi ao pedido do referido malandro. Ao fim de algumas semanas arranjou trabalho na descarga de madeiras, no Vale do Vouga, mas se havia serviço um dia não o havia duas ou tres semanas, e eu sempre a dar-lhe comida. Em virtude da escacez do trabalho resolveu alistar-se na policia. Fez-se o pedido e foi mandado apresentar os documentos. Mas dinheiro para eles? Não o tinha. Mas com a vontade de ele se empregar, emprestei-lhe dois escudos para ir a Agueda adquiri-los; mandei-o apresentar a um amigo meu, o oficial da administração do concelho para o auxiliar no que carecesse. Ele assim fez e não chegando o dinheiro abonou-lhe 40 centávos que lhe mandei no dia seguinte. Apresentados os documentos, foi admitido em 19 de abril ultimo. Ao fim do tirocinio foi nomeado efectivo. Era preciso fardar-se e não tendo tambem credito, pediu-me para lhe ficar por fiador. Fui ao estabelecimento do sr. Antonio Manuel da Silva, na Rua Direita, e fiquei responsavel pela qnantia de 17$46, e na sapataria do sr. José Migueis Picado Junior por umas botas de 6$00. Emprestei-lhe um casaco e capote para se fardar antes de mandar fazer o dele, e como já estava sortido com tudo isto, e não precisasse mais de mim, deixou de comer e nem me pagou o que me devia do sustento e dinheiro de emprestimo: as quantias de 9$38 e 6$00 das botas, que sômam 15$38. Emquanto á posse do fardamento, salvei-me porque o ex.mo sr. comissario se dignou obriga-lo a apresentar, mas as botas ando a paga-las e ele a rompe-las, e por eu o fazer apresentar o que era meu e fazer-lhe despir o fato que lhe emprestei, faz-me uma guerra medonha, e diz que eu é que fui o culpado da sua saída da policia e que eu tambem hei-de saír. O culpado foi esse vadio, que cometeu gráves faltas nos dois mezes que esteve na corporação. Uma delas foi querer iludir o sr. comissario com uma carta anonima escrita por ele, mas aqui as contas saíram-lhe furadas. A caderneta militar está cheia de castigos. De maneira que o vadio tem feito várias queixas contra mim e a ultima foi a seguinte: ha mais de tres anos que é minha conhecida e vem a minha casa sempre ou quasi sempre que tem que fazer nesta cidade, uma rapariga de Quintans, que foi raptada á familia pelo marido quando se namoravam. Essa rapariga esteve na companhia duma irmã que morava em frente a mim durante algumas semanas, até que a familia a mandou prender e voltou para a casa paterna, pois a familia não consentia o casamento com aquele individuo. Por fim houve união entre o noivo e a familia, realizando-se o casamento. Foi daqui que proveio o nosso conhecimento, cuja historia o vadio conhece pelos motivos que acabei de expôr a V. Mas esse mizeravel que para se deitar tive que lhe dar um colchão e uma manta para se cobrir, deu queixa que a rapariga vinha a minha casa exercer a prostituição, instruindo-a com o testemunho de gente egual a ele, ensaiada para dizer que viram a rapariga na minha casa com um homem que lhes parecia um ourives desta cidade, e tudo o mais que lhe apeteceu sem se lembrar que a mentira dura apenas emquanto a verdade não chega.

Tambem ha um colega meu, com mágua o digo, que se põe ao lado deste vadio; mas fica por ora oculto, até vêr.

Agradecendo a publicação deste legitimo protesto, que é tambem elucidativo do caso tratado no *Democrata* com o titulo—*Um alcouce?*—creia-me, sr. Redactor

De V. etc.

Aveiro, 3 de Outubro de 1916.

Joaquim Dias

* * *

REGISTO CIVIL

DECLARAÇÃO

O abaixo assinado, como oportunamente provará, declara que durante o ano de 1916 não ficou com nenhuma importancia para sêlos e que os emolumentos foram todos entregues ao ex.mo sr. Conservador, cabendo a este senhor toda a responsabilidade daquela falta.

Aveiro, 2 de Outubro de 1916.

Joaquim Fernandes Martins

ANUNCIOS

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Suplemento ao n.º 442 de

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

UM BANQUETE POLITICO

Conde de Agueda e os seus vassalos—"Convictas,, afirmações de fé monarquica

Ha muito que se boquejava em vários pontos de cavaqueira indigena na realisação de um almoço, jantar ou ceia que diferentes amigos do conde d'Agueda deveriam oferecer-lhe, aproveitando a transição de estado por que este titular vai passar, como razão bastante para a sugestiva paparóca. Evidentemente se a festa tivesse um caracter intimo, fôsse uma manifestação de estima e afecto pessoal, não seriamos nós quem, de encontro a todas as conveniencias e considerações, a viessemos assoalhar e discutir. Mas desde que tal *festa* foi uma completa manifestação politica, de engrandecimento á monarquia corroborada pelas palavras e afirmações claras e evidentes, proferidas pelo proprio homenageado e outros, sem o protesto da quasi totalidade dos presentes, todos portanto unificados e concordes no volume e alcance politico que se pretendeu dar-lhe, embora de ridiculas proporções e de notavel pobreza franciscana, sob todos os pontos de vista, estamos no plenissimo direito de a discutir e apreciar, sem com isso ofender qualquer preceito ou melindre, seja qual ele fôr.

Na lista dos convivas que abaixo registâmos, entre eles, estão alguns que foram sempre para o festejado crematologico o que nas leis cosmicas são os satélites para os planetas. De resto, poucos e fracos os pilares em que neste momento assenta a pretença influencia e valor do sr. de Agueda que tanto na miseria do *menu*, como na pobreza numerica e politica dos resumidissimos circunstantes, se deveria ter convencido com o testemunho dos seus proprios olhos, até onde desceu e o que vale a sua importancia politica, o seu valor de *cacique*.

Memento homo, como diz a liturgia catolica, apostolica, romana!

No resumo dos *discursos* e perentorias declarações que foram feitas enquanto permitiu a resumida quantidade de *champagne* ingerida ao *toast*—vá lá o termo—o sr. conde fez afirmações duma requintada falsidade, atribuindo e imputando em exclusivo á Republica a pratica de actos que em aberto desacordo com a moralidade do regimen, eles são todavia o resultado indiscutivel da infiltração dos monarquicos para dentro das novas instituições, abusando de uma maneira indecorosa e vil da sua nova situação, estabelecidos agora os mesmos processos de então.

Afirmar que a Republica era uma fiel continuação da monarquia, uma copia autentica dos processos seguidos pelo regimen deposto, é afrontar a Verdade, ultrajar indignamente as instituições vigentes, que não tem as paginas da sua existencia enlameadas e eternamente sujas com o registo dos *adeantamentos*, a mais imoral e repugnante ladroeira que quantas praticadas pelos êrmos da Falperra.

Mas que merecimentos tinha a Republica e que consideração merecia ela ao sr. Manuel de Melo, quando ele efetuou o famoso comicio nos armazens da Praça do Peixe desta cidade e foi aprovada a sua moção propondo a adesão em massa do partido progressista ás novas instituições?

Se tal adesão se chegasse a realizar e o sr. Conde, com os seus correligionarios, passasse a ser um *lealissimo* e *convicto* republicano—tal qualmente os da Vera-Cruz—quaes seriam os processos politicos e a orientação a seguir dentro do novo regimen?

O mesmo, perfeitamente o mesmo que a *cotterie* do sr. Barbosa de Magalhães, que, escandalosamente, sob a sua direcção e protecção, está praticando, com o auxilio e proveito de quantos, sem pejo nem vergonha, colocam acima de tudo a barriga cheia.

Se o assalto, em coluna cerrada, chega a efectuar-se, o que se não teria aí praticado dentro da Republica, que de escandalos, que de reedições dos velhos tempos se não teriam feito! E certamente a Republica *não seria então uma copia autentica dos processos monarquicos*... Pois nem agora o tal conde falou verdade ainda que se dirigisse exclusivamente aos seus proprios amigos.

Mais uma vez os enganou. Mais uma vez lançou mão do processo antigo, ainda que afirmasse precisamente o contrario. O partido republicano constituido por quantos, fieis aos seus principios, não abandonam o campo da fidelidade ao regimen e do seu preito á moralidade do mesmo—sua base indispensavel—não esquece a historia politica de tão nefasta creatura para quem nunca houve justiça, respeito e lei.

Não esquece os publicos testemunhos de desmoralisação e impudor politico que foi sempre a bussola orientadora do triste e vergonhoso consulado em que esta terra largo tempo viveu, sob o dominio daquele que, publicamente informado, não teve repugnancia de, num determinado momento, estender a mão aos que se aborreceram cêdo de defender a cidade do aviltamento e do maior dos vexames pela tutéla que lhe foi imposta.

Ainda ontem deu novo testemunho de impudor, sentando-se ao lado do mesmo que afirmava e escrevia que—*nem por um porco!* — queria aproximações com tal nobreza!!!

Os republicanos que merecem essa verdadeira classificação, estejam hoje em que partido estiverem, não se esquecem das afrontas, das calunias e das perseguições revoltantes de que foram alvo nos tempos, infelizmente bem proximos, em que esta pobre terra esteve sob o pezo imbecil e mau, provocador e irritante, de Cristo, Mijareta & C.ª com a comissão encarregada de obter donativos para a campanha do *Pulha de Aveiro* e o titular de Agueda feito pau para toda a obra nas mãos criminosas do seu estado maior!

Ninguem, ninguem esquece tal!

Com o estomago cheio, bem disposto, disse o homenageado quanto quiz e quanto lhe acudiu á cabeça, entre os seus apostolos que a Republica mantem, pagando a uma grande parte deles os seus vencimentos correspondentes ás categorias que os distinguem como empregados publicos, hoje em demonstrações aberta, ostensivamente monarquicas, ámanhã, se de tal forem acusados, provando logo com o testemunho de Barbosa de Magalhães e outros o seu reconhecido e provado republicanismo de sempre!!!

Acacio Rosa é uma prova viva do que aqui dizemos.

Mas não querendo demorar mais o entroito da *grandesissima* festa, que pela sua *imponencia* e *alcance* está na rasão directa da sua influencia para a restauração da monarquia com o Conde á bica para rei, sempre diremos que o *nobre titular* mentiu aos outros e enganou-se a si.

Não vem certamente longe o dia em que, debandando o espetro terrivel que hoje esmaga e oprime a humanidade inteira, possâmos acordar e examinar com olhos de vêr quanto por nossa casa se passa.

A essa data a Republica hade expurgar do seu organismo esses germens perniciosos e mortiferos que nele se inocularam, para o que por toda a parte se iniciou e avoluma diariamente a indispensavel reacção, e o famoso Conde ha de continuar onde está com o seu despeito, o seu odio e a sua insignificancia intelectual e politica.

Tão cérto como tres e dois serem cinco.

E agora, ao relato do que na tarde de domingo se passou entre as quatro paredes da casa onde, em fraternal convivio, reuniram os melhores amigos do *grande homem publico*.

* * *

14 horas.

Na sala das sessões da *Associação Comercial*, ornamentada a capricho pelos srs. Silva Rocha e Marques Gomes, dá entrada, acompanhado de tres ou quatro acolitos, o antigo mandão do distrito a quem, como atraz dizemos, a Republica dispensou os serviços, apezar da pressa que se deu em aderir *sinceramente* ao novo regimen após o seu advento. Os convivas saudam-no de pé e o banquête principia a servir-se com lentidão pelos assistentes que em numero de 26 se sentam á meza.

São eles:

Conde de Agueda.

Dr. Jaime Silva, advogado.

Alfredo Esteves, marchante.

Dr. Almeida Azevedo, advogado.

Joaquim Soares.

Dr. Lourenço Peixinho, medico e provedor da Mizericordia.

Antonio Machado, capitão de infanteria 24.

Florentino Vicente Ferreira, recebedor proposto e tesoureiro da Câmara Municipal.

Dr. Joaquim Peixinho, advogado e notario.

Domingos Leite, comerciante.

Inácio Cunha, capitalista.

Dr. Brito Guimarães, professor do liceu, presidente do senado municipal e deputado unionista.

Antonio Ratola, comerciante.

Francisco da Silva Rocha, director da Escola Fernando Caldeira.

Padre Manuel Rodrigues Vieira, professor do liceu.

Antonio Calheiros, empregado da *Vacum Oil Colonial*.

Atanasio de Carvalho, proprietario.

Alexandre Corrêa, chefe de conservação das Obras Publicas.

Acacio Rosa, amanuense do governo civil.

Padre Antonio dos Santos Pato, vigario das Aradas.

Ricardo Campos, comerciante.

Domingos Compos.

Antonio Vicente Ferreira.

João Trindade.

Padre Antonio Duarte Silva, advogado.

Jacinto Agapito Rebocho, proprietario.

Marques Gomes, empregado do governo civil e director do museu arqueologico.

Satisfeitos, pelo menos na aparencia, todos conversam e mastigam, metendo a sua facécia de premeio, até que aí por volta das 16 horas começam

Os brindes

O primeiro é o do sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, que de todo o coração se associa áquela festa de homenagem a um homem que é conhecido em todo o país pelos seus merecimentos e distintos predicados. Recorda o seu passado, alude á situação que a Europa atravessa e por fim ergue a sua taça pelas felicidades do novo lar que se vai constituir.

Conde de Agueda, agradecendo, elogía o sr. dr. Antonio Emilio, á saude de quem bebe.

O sr. dr. Brito Guimarães, deseja tambem um futuro risonho ao sr. Conde, que no distrito de Aveiro se destaca pela nobreza do seu coração e pelos dotes de espirito que o tornam estimado e até querido.

Agradece-lhe o sr. Conde a gentilêsa, tanto mais partindo de pessoa tão categorisada e insuspeita como é o sr. Brito Guimarães.

Padre Vieira, o tal que *nem por um porco* queria gramar o sr. Conde, fez um sermão cheio de latim, que provoca hilariedade, por vezes. A Patria merece-lhe tambem algumas referencias e assim consegue impôr o homenageado como um grande patriota... que vai casar com o fim de ser util ao país.

Conde recorda as luctas do passado e a mastigar ainda daquelas *amabilidades* que lhe foram dirigidas no extinto orgão franquista, classifica, o da sermonéca, de *bom e fiel amigo*.

O dr. Joaquim Peixinho, faz rasgado elogio do seu velho e sempre querido amigo Conde de Agueda, á saude de quem bebe, associando-se assim á homenagem que supõe de caracter exclusivamente pessoal e que ele bem merece pela bondade do seu coração, pela sua generosidade e pelo seu talento.

Agueda, muito grato, reconhece no seu antigo correligionario e dedicado servidor todas as qualidades que dimanam dum verdadeiro homem de caracter e por isso ergue a taça em sua honra.

Depois o mesmo orador volta a levantar-se para dar umas explicações ao sr. Marques Gomes sobre um pretenso agravo, explicações que este aceita descreteando tambem sobre o assunto em tom de comoção.

A seguir brinda o sr. Domingos Leite, que fala dos beneficios do sr. Conde á cidade e ao distrito, reconhecendo por isso nele um autentico homem de bem.

Com os seus agradecimentos o sr. de Agueda elogía tambem o sr. Leite com cuja amizade muito se honra.

Padre Vieira volta ao uso da palavra. Risonho, diz coisas a que a assistencia acha imensa graça, estalando de riso quando ele termina—viva a familia nacional, viva a liberdade, viva a egualdade, viva a fraternidade.

Jaime Silva, diz que a festa indo direita ao homem vai direita ao politico e por isso não concorda com o seu colléga Peixinho querendo vêr néla apenas uma manifestação de caracter pessoal. Fala dos tempos em que combateu Agueda, da sua vida posterior a 5 de Outubro, das perseguições dos republicanos (sic) e por fim bebe pela saude e felicidades do amigo e companheiro de ideial.

Responde Agueda aludindo ás desinteligencias doutros tempos com o orador precedente e ás aproximações posteriores, com o que muito folga, brindando por fim á saude de Jaime Silva e de toda a sua familia.

Brito Guimarães brinda egualmente a Jaime Silva, seu dilecto amigo, um grande caractor e uma bela alma.

Padre Duarte Silva diz que foi adversario de Conde de Agueda em 1900, mas que depois adquiriu uma tal simpatia por esse ilustre homem publico que cada passo dado na sua vida é mais uma aproximação para s. ex.ª. A festa que se realisa, acrescenta, é uma festa escudada na politica. Sob esse aspecto a vê e como tal se associa a ela. Termina por protestar que hade ser sempre do sr. Conde, sempre, sempre.

Agueda mostra o seu reconhecimento pela publica adesão do ex-governador civil pimentista á politica que ali representa e brinda ao seu amigo padre Antonio, cujas felicidades tambem deseja.

Atanasio de Carvalho em bréves palavras saúda o sr. Conde não lhe ouvindo o nosso *reporter* mais por se ter de pôr a geito, na ocasião, e o orador de Requeixo findar logo o seu discurso.

O homenageado reconhece no sr. Atanasio um adversario leal, daqueles a quem é licito estender a mão depois da luta, e portanto o considéra, honrando-se hoje com a sua amizade.

O sr. dr. Almeida Azevedo—*Se não fosse uma festa politica o que é que eu vinha aqui fazer?* Fala com extraordinario calor sobre os defeitos da monarquia e os defeitos da Republica, pondo-os em paralelo, se é que os do novo regimen não são peores.

Uma voz—Peores, peores, mas muito peores.

Fala nos países estrangeiros, na volta ao mundo, que já deu, e nos processos politicos que teve ocasião de verificar serem mil vezes superiores aos adoptados em Portugal. Diz-se patriota amigo do Progresso e que deseja o bem da sua Patria sobre tudo. Criticando a Republica, conclue que não deseja tambem uma monarquia como a que estava, intoleravel e abjecta, tantos eram os desconchavos que praticava.

Conde de Agueda concorda que os processos da monarquia não eram bons, mas estes são peores. E' preciso trabalhar, fazer uma larga propaganda para que o país se levante e por isso apela para os que, como o sr. dr. Antonio Emilio, são profundos conhecedores do mal que vai corroendo a nação, no sentido de crear proselitos que se imponham á transformação deste estado de coisas.

O sr. Brito Guimarães levanta de novo a sua voz para tornar sciente que não se associa á parte politica que no banquête se tem feito resaltar, mas sim associa-se á homenagem ao homem cujas qualidades de caracter e coração muito aprecia. Bebe por conseguinte uma vez mais pelas felicidades do lar que vai constituir.

Agueda agradece a todos os presentes a comparencia áquela festa, que jámais esquecerá, e assim terminou o banquête monarquico de Aveiro, preparado por monarquicos e em honra do monarquico Conde de Agueda.

Bem sabemos, seguros estâmos mesmo, que mal algum advirá para a Republica, com o que se disse na sala das sessões da Associação Comercial, *gentilmente* cedida pela sua direcção, para nela e a pretexto dum almoço antenupcial, se atacarem as instituições, achincalhando o regimen. Todavia registado fica tambem esse facto, assim como o de terem colaborado nas homenagens ao representante da realêsa no distrito, os *democraticos* Silva Rocha e Acacio Rosa, a quem os dirigentes desse partido passaram diploma de fidelidade, quando afinal nunca deixaram de ser aquilo que sempre teem sido—uns troca-tintas sem dignidade politica nem convicções, tão ligados andam ás suas conveniencias e inconfessaveis interesses.

De resto, sobre o resultado final da pobrissima demonstração monarquica, que nem a bocarra do padre Pato conseguiu animar, não nos compete a nós dizer a ultima palavra. Tomando por missão registar e... passar adeante ela está finda com o relato do que foi para os *monarquicos* de Aveiro a tarde de domingo.